

O pensamento selvagem: Lacan leitor de Lévi-Strauss

WILD THOUGHT: LACAN READING LÉVI-STRAUSS

Ana Carolina Soliva Soria*

RESUMO

O presente estudo apresenta uma possível interpretação que Jacques Lacan dá à expressão *Pensamento Selvagem*, tal como cunhada por Claude Lévi-Strauss. Para isso, examinaremos alguns textos de Lacan em que se pode, a partir do interior de sua própria obra, arriscar uma compreensão do sentido que o tema Pensamento Selvagem ganha em sua obra e o do lugar que nela ocupa.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan; Lévi-Strauss; Inconsciente; Linguagem; Razão.

ABSTRACT

This study presents a possible interpretation that Jacques Lacan gives to the expression *Wild Thought*, as coined by Claude Lévi-Strauss. For this, we will examine some of Lacan's texts in which one can, from within his own text, risk an understanding of the meaning that the theme of Wild Thought gains in his work and the place it occupies in it.

KEYWORDS: Lévi-Strauss; Unconscious; Language; Reason.

* Docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq; anasoliva@ufscar.br

O presente texto é um estudo preliminar sobre a interpretação que Jacques Lacan oferece ao termo levistraussiano *Pensamento Selvagem*. Não é nossa intenção confrontar os textos de ambos para determinar se a leitura de Lacan corresponde de fato à de Lévi-Strauss e verificar se há uma verdade no texto do etnólogo que é seguida à risca pelo psicanalista ou se este corrompe a letra do primeiro. Ao contrário, nossa intenção é analisar algumas passagens de textos lacanianos, sobretudo *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, para que, a partir das referências feitas ao etnólogo, possamos apresentar o sentido e o lugar da noção de pensamento selvagem em Lacan.

Para isso, gostaríamos de iniciar nossa análise nos detendo em um trecho da intervenção feita pelo psicanalista em uma conferência de Lévi-Strauss, proferida em 26 de maio de 1956. Na referida apresentação, intitulada *Sobre as relações entre a mitologia e o ritual*, Lévi-Strauss expõe o tema do *menino grávido* (*garçon enceint*) – tomado de uma tribo norte-americana – e aborda, tendo o menino grávido como exemplo, o fato de os mitos não serem projeções de ritos, e vice-versa. Melhor dito, que não há entre mito e rito uma mera transposição mecânica de algo da ordem da ação para algo da ordem da representação (nem o contrário). Para levar sua argumentação a cabo, Lévi-Strauss se vale de procedimentos lógicos (*procédés logiques*), tais como os de permutação e transformação, que permitem formular leis de passagem do mito ao rito, do rito ao mito.

Lacan, que havia sido convidado para intervir no final da conferência, diz algo que poderia nos dar uma primeira pista de sua compreen-

são de Lévi-Strauss. Essa primeira pista é oferecida, vale lembrar, 6 anos antes da publicação de *O pensamento selvagem*. E o que diz Lacan?

[que] é verdade mesmo que se teme estar grávido, mesmo não sendo homossexual; há muitos motivos para temê-lo; não tocamos aí senão no estado movediço das relações desse ser singular jogado na existência sob o nome de homem; todos os temores possíveis fazem parte disso. Diria que os significantes são, de certo modo, feitos para seriá-los, para organizá-los, para escolher entre eles. É sobre esse fundo [fonds] que se inscreve [s'inscrit] a experiência analítica, ou mesmo a experiência etnográfica, a saber, que você [Lévi-Strauss] encontrou lá o que podemos encontrar entre nós; que para encontrar isso não é preciso ir buscar tão longe. O temor que o rapaz tem de estar grávido é algo totalmente diferente da utilização da função da gravidez, num sistema significante; está ali para cumprir certo papel, certa ligação, em que é imediatamente transformável em outra coisa; é algo de outra natureza, é algo em que o *pathos* humano, com toda a sua confusão e todos os seus temores, encontra seu sentido, longe de dá-lo. (LACAN, 2008a, p. 91-92)¹

Duas informações são apresentadas nesse trecho, às quais gostaríamos de nos focar, a saber: 1. a ideia de uma escritura: que há um solo, um fundo, sobre o qual se inscreve dois campos distintos (sobre o qual são fixados): o da experiência analítica e o da experiência etnográfica, o daquilo que se pode encontrar lá e o daquilo que se encontrar aqui, e 2. a ideia de uma “segunda natureza”: que não há uma correspondência mecânica do estar grávido com a função da gravidez, isto é, que há uma dissociação entre algo da ordem do biológico e algo outro, que o ultrapassa, e que o *pathos* humano (o *temor*, por exemplo, que o rapaz expressa em estar grávido) não encontra o seu sentido numa correspondência direta com as

¹ Este texto foi publicado na íntegra, com todas as intervenções, pelo *Bulletin de la Société française de philosophie*. O trecho citado encontra-se em Lévi-Strauss, 1956, p. 715-716.

funções corporais, mas em algo que transborda o biológico. A análise desses dois pontos nos darão elementos para tratarmos, em seguida, do que Lacan entende por pensamento selvagem.

1. A inscrição e o sentido

No início do seminário 11, intitulado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, fica claro para o leitor que o que interessa a Lacan é a experiência subjetiva (pois é a partir dela que se terá o inconsciente, as pulsões, o desejo e o próprio sujeito), e que não há experiência subjetiva sem uma aproximação ao sentido. Este não pertence a uma dimensão privada; ao contrário, é algo essencialmente público (algo que vincula o indivíduo a uma entidade externa e coletiva – a comunidade). É pelo que é comum (pelo que comunica), ou antes, pela linguagem que o indivíduo absorve os valores sociais; a linguagem é o porta-voz (aquilo que *porta-a-voz*, literalmente) de uma instância externa e vincula indivíduo e comunidade, interno e externo, privado e público.

Quando Lacan se propõe a analisar o solo (ou ainda, fundo) sobre o qual se inscrevem a psicanálise e a etnografia, certamente a linguagem terá um importantíssimo lugar. Suas considerações sobre o tema, como é bastante sabido, são tomadas de empréstimo de Saussure, em seu *Curso de lingüística geral*. A ideia central exposta pelo linguista é a de que a lingüística teórica trata fundamentalmente do signo, que pode ser representado pelo algoritmo:

s/S

o qual é lido como *significado sobre significante*. E o que isso quer dizer? Quer dizer que para Saussure, o signo é um complexo constituído por dois elementos distintos, porém não separáveis: o significado e o significante. A combinação entre ambos e entre um significado e outro significado é estabelecida por uma convenção entre os falantes da língua. Cada significante e cada significado são estabelecidos por suas relações com outros significantes em uso e outros significados articulados. O signo não tem um valor em si mesmo, mas apenas em relação ao sistema da língua, isto é, na relação do seu significante com outros significantes e do seu significado com outros significados.

Em um de seus escritos intitulado *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan se coloca algumas questões sobre a linguística importantes para nossa reflexão: 1. se cada significante deve ser compreendido inteiramente em termos de todos os outros significantes, e cada significado em termos de todos os outros significados, como se inicia o sentido? Ao que nos parece, para Lacan é como se Saussure tivesse formulado um sistema fechado, no qual não houvesse uma brecha para fazer o sentido aparecer. 2. como entender os casos em que se diz uma coisa querendo dizer outra (tal como nos sonhos)? Sua conclusão será a de que o sentido não se inicia ao se interrogar o signo (significado e significante juntos), mas sim ao se questionar o significante.

Para exemplificar esse procedimento, tomemos o que acontece nos sonhos: para Lacan (1998, p. 514), ao se afirmar que é possível tomar os pensamentos oníricos como um discurso a ser decifrado, deve-se tam-

bém admitir que o sonho não seria passível de interpretação, ou ainda, de tradução, se não fosse condizente com a própria linguagem. Ora, mas se o discurso onírico não faz sentido para a consciência, isso só pode querer dizer que a significação foi subtraída desse discurso. Para explicar esse processo, o psicanalista recorre aos elementos retirados da linguística de Saussure, mais especificamente, à sua concepção de signo. Tal como as frases de um enigma, para Lacan o sonho não faz sentido algum. Sua decifração não se dá pela significação manifesta de suas imagens (que nos levam a becos sem saída), mas pela escuta do significante que ali se esconde.

Desse modo, Lacan se refere ao sonho como um discurso significante. Dito de modo mais claro, o sonho é um discurso em que a contraparte do significante, a saber: o significado, sumiu, ou melhor, foi perdida para aquele que sonha. O discurso onírico é, assim, constituído por cadeias de significantes que manifestamente fazem par com um significado que engana aquele que sonha. Por esse motivo, ao nos fiarmos apenas naquilo que ele aparenta, nada podemos compreender. No sonho, a perda de significado é também a perda de qualquer controle sobre o que seus significantes querem dizer. O mesmo acontece, vale notar, nas patologias psíquicas, nos atos falhos e nas afasias, em que o indivíduo sente e diz algo sem saber sua significação; o trabalho da análise seria o de restituir para o paciente o discurso verdadeiro e pleno – isto é, o discurso em seu significado. A técnica analítica da associação livre seria, desse modo, o instrumento capaz de reparar a ligação entre significante e significado.

Não queremos dizer, contudo, que há um significado verdadeiro subjacente ao significante e que exista antes dele. Ao contrário, o que se passa em Lacan é outra coisa: “as imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante” e que “essa estrutura da linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da *significância do sonho*, da *Traumdeutung*” (1998, p. 514). Não temos assim uma significância anterior à associação significante; o significante é primário e determina a significação. Ou ainda, os significantes, ao se associarem, determinam-se mutuamente produzindo significação.

O discurso significante tal como se apresenta nos sonhos permite a Lacan, desse modo, falar de uma primazia do significante sobre o significado. O psicanalista se refere a razões internas ao significante que permitem invasões recíprocas e englobamentos crescentes entre eles. Por sua vez, o que o discurso onírico traz à luz é um caráter essencial da própria linguagem, a saber: que o significante, desligado do significado, está livre para criar elos associativos com outros significantes, formando novas significações. Não há assim uma precedência do significado frente ao significante; ao contrário, há sempre na língua um “deslizamento do significado sob o significante” (LACAN, 1998, p. 514) – o significado é sempre secundário em relação ao significante e se encontra ao abrigo deste, sob sua determinação. Não é à toa que Lacan inverte o algoritmo saussuriano: significante sobre significado, e não mais significado sobre significante. O caráter primordial do significante, isto é, que a conexão entre as palavras está no significante e não no significado e que o significado é constituído

na ligação entre significantes, ganha em Lacan um testemunho inconteste com a análise dos processos metafóricos e metonímicos do discurso, mais especificamente, dos processos de superposição e substituição significante que produzem um efeito de significação – processos estes que dão um “efeito de ebridade ao diálogo” (LACAN, 1998, p. 511), tal como é possível ver na condensação metafórica da palavra cunhada por Heine, a saber: *familonário*, em que há a superposição dos significantes familiar e milionário².

Mas se o sonho é um discurso em que os significantes, apartados dos significados, se associam livremente, o que possibilita a dissociação entre significante e significado? Por que o discurso inconsciente é um discurso significante? Ainda em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan nega a existência de um inconsciente anterior à linguagem. Tudo o que há no inconsciente deve abrir caminho até lá. Esse caminho é dado pela repressão: esta não atua sobre as formações não-simbólicas; ao contrário, na repressão, o que acontece é que a ligação entre significante e significado é rompida; enquanto o significado desaparece do quadro, o significante fica livre para se associar a outros significantes.

Lacan pode afirmar, então, que a linguagem não é apenas a precondição do inconsciente (entendido como instância), mas também o seu conteúdo. O inconsciente lacaniano está, como afirma o psicanalista, es-

² O algoritmo proposto por Lacan é: S/s . Na metonímia, que pode ser expressa segundo a cadeia significante $f(S...S')$ $S \cong S (-) s$, tem-se o transporte da significação, e uma palavra passa a ter o valor de outra (deslocamento). Na metáfora, que pode ser expressa do seguinte modo: $f(S'/S) S \cong S (+) s$, tem-se a superposição de significantes, dos quais um substitui o outro (condensação).

triturado como uma linguagem. Em seu 11º seminário, lemos: “é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável” (LACAN, 2008b, p. 28). A linguagem ganha, assim, em Lacan um papel constitutivo: anterior ao inconsciente, ela o organiza, o torna acessível, objetivável; mas não apenas o inconsciente. Ainda no seminário mencionado, o psicanalista afirma que tudo emerge da estrutura do significante – encontramos aí o solo sobre o qual se edifica o inconsciente, e também o desejo, as pulsões (o *pathos* humano), o sujeito, e por que não dizer: a sociedade, a cultura e o modo como os seres humanos experimentam o próprio corpo. Novamente devemos invocar o algoritmo de Lacan, significante sobre significado, pois tudo o que é humano se coloca sob a estrutura do significante.

Quando Lacan afirma que o inconsciente está estruturado como linguagem, entende-se disso uma dependência do inconsciente “do que é puramente lógico, em outras palavras, do significante”. Essa passagem, tirada da 4ª capa dos *Escritos* (LACAN, 1998), traz a seguinte marca essencial do pensamento de Lacan: a do uso do instrumento linguístico – de um instrumento puramente lógico – para validar o fato de que o inconsciente se dá através de um jogo significante, do qual o sonho é o exemplo. A linguística é a luz que dissipa um caráter misterioso e obscuro do inconsciente. Em Lacan, as coisas são postas às claras: o que a linguística nos mostra é que não há uma subjetividade originária, motora e autônoma (pré-existente). Ela liberta o investigador psicológico da crença na existência do eu e suscita a questão da subjetividade produzida, tardia e de-

pendente. O sujeito nada mais é, para o psicanalista, do que uma imagem especular do outro com a qual ele se identifica. Não há um eu existencial anterior à linguagem: o sujeito é um fantasma determinado pelo campo do que é comum, do que comunica; ele é determinado pela linguagem e corre de significante em significante.

O que queremos dizer é que Lacan limpa a subjetividade de um fundamento natural primeiro, ou ainda, do automatismo biológico ou das forças físicas, para fundá-lo sobre uma segunda natureza, a saber: a de uma lógica que retira do sujeito suas pretensões ilusórias, que recusa dar o privilégio à consciência e ao sujeito.

2. A natureza e o significante

Não queremos com isso dizer que Lacan minimiza ou nega a importância do biológico, do corpo como fato bruto. Ao contrário, ao fato bruto falta o que Richard Wollheim, em seu ensaio *O gabinete do dr. Lacan*, chamará de *experiência alienante*, em que o sujeito aparece em relação com o Outro (relação de identificação, vale lembrar). Essa experiência vincula o sujeito a uma entidade externa e coletiva, isto é, à sociedade, a única que existe para o sujeito, a saber: a sociedade das palavras. A linguagem garante ao sujeito o que o fato bruto não pode garantir: “uma maneira de articular a realidade, externo e interno, e agora pode ter pensamentos, formar desejos e entrar em relação com os outros. E isso é assim porque a linguagem não é bruta; possui generalidade, carrega sentido” (WOLLHEIM, 1990, p. 198).

Mas retomemos uma questão posta no início do presente texto, quando tratávamos do signo de Saussure: como se inicia o sentido? Para Lacan, o sentido não se inicia no interior de um sistema sem brechas; é necessário encontrar uma lacuna, uma fenda por onde ele possa entrar. E essa lacuna está, para o psicanalista, na dependência do sujeito. Lacan falará assim de uma precariedade essencial e originária do ser humano logo ao nascer. Em outro de seus escritos, intitulado *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1937), Lacan descreve essa fase como a de “impotência motora” e de “dependência da amamentação” do “filhote do homem nesse estágio de *infans*” (1998, p. 97). O caráter biológico, natural do ser humano, não lhe confere um lugar privilegiado ou determinado na natureza (um lugar *positivo*); ao contrário, o biológico é o lugar da carência, da precariedade individual, da *negatividade*³. Em outras palavras:

Lacan concebe a fase inaugural se originando na incompletude anatômica do recém-nascido. Essa incompletude é experimentada como o que Lacan chama de “*déhiscence*”: isto é, a abertura de uma “brecha” [*gap*] a ser preenchida. Essa percepção de ter uma “brecha” precipita a criança no simbolismo – a ideia de Lacan sendo, segundo creio, que a linguagem, através de uma capacidade de representar a ausência, presta-se para reparar essa lacuna. (WOLLHEIM, 1990, p. 204)

3 Seguindo a explicação de Wollheim (1990, p. 205-206), podemos dizer que Lacan diferencia dois termos, um relacionado a esse estado bruto do qual nada podemos dizer, e outro já no campo do sentido. Ele escreve: “Na fase inaugural a criança se acha limitada a um único estado impulsivo, o da Demanda. A demanda é um estado intransitivo, no sentido de que, quando o recém-nascido tem necessidades, nada se pode dizer a respeito, exceto que tem necessidades. Isso porque a criança, nesse estágio, não é capaz de representar para si mesma um objeto. Então, quando a criança adquire um sistema de representação, devemos esperar que ela passe a um estado ‘transitivo’, ou estado impulsivo com um objeto, que é o Desejo. Para expressar a dependência do desejo em relação ao simbolismo, Lacan reutiliza sua noção de Outro e diz: ‘Desejo é o desejo do Outro’.”

Lacan não tomará como objeto de sua investigação essa insuficiência vital; o objeto de sua investigação será, segundo Bertrand Ogilvie (cf. 1988), o ponto em que essa insuficiência se cruza com um campo oposto e assimétrico ao primeiro, a saber: o da universalidade do discurso. O objeto da investigação de Lacan é o ponto em que a indigência vital humana e a linguagem se cruzam – não para unicamente apontar a indeterminação do ser humano, mas para mostrar uma característica própria à ordem humana em geral, qual seja: a de um lugar vazio pelo qual o sujeito tem acesso à linguagem. Segundo Bento Prado Jr. (1991, p. 55 e segs.), o fato de Lacan colocar todo o acento na linguagem lhe possibilita escapar da redução da ordem humana à natural (isto é, da cultura à natureza, da língua ao fisiológico etc.), redução que suprimiria a ordem antropológica que a psicanálise acabara de inaugurar.

Lacan se interroga, assim, sobre os efeitos estruturantes da linguagem como uma “segunda natureza” que atribui ao sujeito ainda por vir um lugar e uma função. Essa nova natureza, que é, aliás, a única que o ser humano conhece, já não se encontra mais em estado bruto: ela é um logos (no sentido não só de razão, mas também de discurso) que nos fornece significantes. Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, lemos:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão a estrutura, e as modelam. (LACAN, 1998b, p. 98)

No seminário acima citado, a natureza é definida como estando no domínio do sentido, ou ainda, da lógica pura. E é a relação entre o sujeito e a estrutura racional pré-subjetiva (ou ainda, pré-humana) que o cerca e o apreende que interessa Lacan. É esta estrutura que possibilita ao sujeito e à realidade a ele acessível o caráter de objetivável, qualificável, ordenável. É esta estrutura que permite à psicanálise se libertar de um subjetivismo original, ao mesmo tempo em que a permite fazer uma ciência do indivíduo. Lacan define a estrutura como *linhas de força iniciais* irreduzíveis ao indivíduo isolado, que formam um sistema combinatório que interfere, ou antes, sobre a qual se inscrevem as experiências coletivas e individuais. Lacan afirma que a ideia de uma anterioridade que organiza e determina o lugar e a função dos elementos empíricos, que os dispõe numa *segunda natureza* lhe é dada por intermédio da obra de Lévi-Strauss. Ele escreve:

A maioria desta assembleia tem noção de que já adiantei isto – o inconsciente é estruturado como uma linguagem – o que se relaciona com um campo que hoje nos é muito mais acessível do que no tempo de Freud. Ilustrarei com algo que é materializado num plano seguramente científico, com esse campo que explora, estrutura e elabora Claude Lévi-Strauss, e que ele rotulou com o nome de *Pensamento selvagem*. Antes de qualquer experiência, antes de qualquer dedução individual, antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de força iniciais. É a função [...] classificatória primária. Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. (LACAN, 2008b, p. 27-28)

É na linguagem, no domínio do sentido, que a elaboração dessa anterioridade que determina o lugar e a função do sujeito tem lugar em La-

can. O instrumento linguístico permite ao psicanalista adotar uma postura racional que coloca sua atividade no plano da cientificidade e da generalização dos resultados: O que vale para eles (para a tribo norte americana), vale também para nós. É sobre esse plano pré-subjetivo que se inscreve toda a experiência humana e sobre o qual a psicanálise e a etnografia encontram o seu fundamento. O temor do menino de estar grávido é organizado, seriado, objetivado por um mesmo “jogo combinatório operado em sua espontaneidade [...] que dá seu estatuto ao inconsciente” (LACAN, 2008b, p. 28), e conseqüentemente, ao sonho, aos atos falhos, aos chistes, ao sujeito e ao desejo. Não teria, assim, para Lacan, a etnografia um papel semelhante ao de uma imagem especular para a qual a psicanálise olha e, identificando-se com ela, descobre o seu lugar e a sua função? E não poderia também a etnografia se reconhecer como uma ciência do inconsciente, não no sentido de um inconsciente psicológico, mas como o de um inconsciente que se dá e se furta à consciência?

E o que vemos de modo generalizado é que há algo sobre o qual a própria subjetividade se inscreve, uma natureza da ordem do sentido, da razão e do discurso. No final da apresentação de seu primeiro seminário, o psicanalista escreve: “A descoberta de Freud”, dirá Lacan, “é a descoberta, num terreno não-cultivado, da razão” (LACAN, 1996, p.12). O que o sentido reintroduz é o lugar determinado do sujeito, no campo da racionalidade, como sofredor de suas fantasias. Esse terreno não cultivado da razão, que subsiste como um resíduo irreduzível ao sujeito e sobre o qual ele se inscreve é, para Lacan, o lugar do *Pensamento selvagem*.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. O seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. Escritos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. Intervenção depois de uma exposição de Claude Lévi-Strauss na Sociedade Francesa de Filosofia, “Sobre as relações entre a mitologia e o ritual”, com uma resposta dele. In: O mito individual do neurótico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.

_____. O seminário livro 11 : os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Sur les rapports entre la mythologie et le rituel. Intervenants: Mme Denise Paulme, MM. Diop, Louis Dumont, Goldmann, Dr Lacan, Leiris, Merleau-Ponty, Métraux, Tubiana, Jean Wahl. Bulletin de la Société française de philosophie. Paris, tomo XL-VIII, p. 699-722, 1956. Disponível em : https://s3.archive-host.com/membres/up/784571560/GrandesConfPhiloSciences/philosc24_le-vistrauss_1956.pdf. Acessado em 20/10/2020.

OGILVIE, Bertrand. Lacan e a formação do conceito de sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

PRADO JR., Bento. Lacan: biologia e narcisismo ou a costura entre o real e o imaginário. In: Filosofia da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WOLLHEIM, Richard. O gabinete do dr. Lacan. In: Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan. São Paulo: Brasiliense, pp. 191-217, 1990.